

Apresentação

Esta edição dos **Cadernos Cespuc de Pesquisa PUC Minas** é dedicada ao escritor português José Saramago. A realidade de um prêmio como o Nobel de Literatura, que o escritor ganhou, impõe que a cultura lusitanista se mobilize no sentido de lhe prestar justas homenagens. Daí que se intitule o número 4 dos **Cadernos Cespuc** de “José Saramago: Um Nobel para as Literaturas de Língua Portuguesa”.

Mas a oportunidade de um número especial dedicado a Saramago transcende a conquista do Nobel, pelo fato mesmo de que se trata de um dos maiores escritores contemporâneos. A isso, acrescenta-se toda uma mitologia que já se criou em torno de seu nome, originada, às vezes, da grande admiração que lhe vota um sem número de leitores e, em outras, das críticas que o gênio polêmico do escritor está sempre suscitando.

Esses aspectos poderão ser conferidos nesta edição em que se discute, por exemplo, se a premiação foi justa ou não. Afinal, alguns comentam que Saramago bajula os divulgadores de sua obra e busca prêmios e reconhecimento, como também se ouve falar de um escritor profundo e criativo que inova os processos narrativos. No fundo, sabe-se que tais contradições são positivas, pois é das ambigüidades que se nutrem os processos revolucionários e a obra de Saramago, feita para ganhar prêmios ou deles desinteressada, revela sempre aquele mistério esfíngico que alcança o leitor com o seu desafiante “decifra-me ou devoro-te”. É por isso que, nutrindo-se quase sempre da conhecida ironia de seu autor, essa obra seduz o leitor para torná-lo um sujeito ideológico e, assim, poder caracterizar-se como veículo desmitificador de ideologias.

Se se fala de ambigüidades, não se pode deixar de mencionar a que se estabelece num terreno misterioso: o da fé religiosa. Saramago crê, finge crer ou não crê, absolutamente? Os artigos também discutem isso. Não deixa de ser significativa a citação que um dos textos faz de uma fala do autor, sobre **O Evangelho segundo Jesus Cristo**: “Para mim, ateu, como para um crente, a questão da relação do homem com Deus é importante. É esta relação básica, essencial, radical, que eu ponho em causa neste livro”. Daí, as referências que o autor faz aos lapsos, encontráveis na obra do escritor, em que ele deixa escapar sua fé.

Por outro lado, há as convicções que procuram mostrar como **O Evangelho** é, na verdade, uma paródia à escritura do texto sagrado, num movimento sacrílego de apropriação de um texto para expropriá-lo criticamente de seu sentido, à moda de um quinto evangelista que não escreve para judeus, romanos e gentios mas para os leitores da literatura contemporânea. É nesse artigo que se vê a importância da linguagem enquanto veículo instituidor de realidades. Desse modo, reafirmados como linguagem, os textos sagrados vêm-se repetir por um outro que se faz “na diferença” sacrílega de sua condição.

Tais ambigüidades, certamente, refletem muito dos princípios modernos que procuram mostrar um inevitável cruzamento entre discursos aparentemente inconciliáveis. É só lembrar a produção de um físico, como Capra, que explicita com clareza a necessidade de se compreender a mente universal como algo que se faz presente misteriosamente na natureza. Dessa forma, pensamento científico e manifestação mística são princípios que se recobrem no grande “web” que é o universo. E não seria esse o caso da obra de Saramago?

Além do mais, é preciso verificar que é comum os textos de Saramago operarem nos limites da transgressão. Essa sua vocação é vista num dos artigos como um princípio ôntico, que leva à transformação existencial, sendo surpreendente que tudo decorra, muitas vezes, de deslimites impostos pelo erotismo.

Em suma, o que fica como certeza da obra laureada, através dos artigos que constituem este **Caderno** n. 4, é a convicção de que estamos diante de um escritor que trabalha a ficção pura, que visita a história para relê-la como história e como ficção e que consegue fazer de seu texto um objeto da cultura porque o trabalha como um instrumento de visão crítica da realidade e de compreensão da nossa própria subjetividade.

Audemaro Taranto Goulart

